

INTERPRETAÇÕES MUSICAIS EM LÍNGUA DE SINAIS: ENTRE O REAL, O POSSÍVEL E O IDEALIZADO.

Marcelo Wagner Lima e Souza¹ – PUC Minas

Sônia Marta de Oliveira² – CEFET/MG

Eixo Temático: Avaliação da tradução/interpretação de/para a língua de sinais

Resumo

Este trabalho tem por objetivo refletir as práticas tradutórias de textos poéticos musicalizados da língua portuguesa oral para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Percebe-se que as traduções em Libras de canções populares são postadas na *internet* pelas mais diversas pessoas, sejam elas intérpretes profissionais ou estudantes dessa língua de sinais. Dessa forma, é possível acessar um *corpus* variado de “textos sinalizados” que nos permitem indagar sobre a eficácia tradutória desse gênero, além de refletir sobre as reais possibilidades dessa atividade. Na tentativa de contribuir com as discussões nessa área, recorreremos à psicanálise como suporte teórico de reflexão sobre alguns vídeos selecionados de forma a apontar como algumas escolhas tradutórias refletem não apenas a “impossibilidade” tradutória, mas demonstram que o ato tradutório está localizado na fronteira entre o que é idealizado pelo sujeito e o que é possível de ser feito.

¹ Psicólogo; Intérprete de Libras; Mestrando em Linguística – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Tutor do Curso Letras-Libras – Universidade Federal de Santa Catarina/Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Email: marcelo.souza@ymail.com

² Especialista em Educação Inclusiva e em Educação Infantil – Fundação João Pinheiro e Centro Universitário Newton Paiva/CEPEMG; Intérprete de Libras do Curso Letras– Libras da Universidade Federal de Santa Catarina e Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais; Segunda Secretária da FEBRAPILS, - Federação Brasileira dos Profissionais Tradutores, Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais; Professora e Intérprete de Libras da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Email: soninhamarta@gmail.com

Introdução

Traduzir/interpretar é propiciar a alguém o conhecimento ou o reconhecimento de algo e, portanto, se constitui como uma atividade complexa. Pode ser assim considerado, pois para o tradutor/intérprete de língua de sinais (TILS), o ato tradutório/interpretativo requer conhecimentos não apenas conhecimentos linguísticos, mas também outros tipos de conhecimento como culturais, sociais e de proficiência tradutória, conforme apresenta Pereira (2008).

Ainda, segundo Perlin (2006), o TILS é intérprete da língua, cultura e dos movimentos das pessoas surdas. Dessa forma, faz-se necessário investigar como as práticas tradutórias desse profissional acabam por serem mediadas por sua subjetividade.

Tomando os pressupostos supracitados, sobre o perfil deste profissional, buscar-se-á ao longo deste trabalho discutir parâmetros e outros estudos na área da tradução/interpretação que investiguem a subjetividade no ato interpretativo. As últimas pesquisas na área da tradução evidenciam que as competências tradutórias dos TILS necessitam de focos mais específicos voltados para os estudos sobre cultura e as fronteiras que o TILS vivencia durante o ato interpretativo. (Perlin2006).

As pesquisas sobre o processo tradutório de textos poéticos musicalizados e as implicações próprias da tradução/interpretação de uma língua oral para uma língua espaço visual ainda são incipientes. Contudo uma reflexão sobre o olhar e o sentido construído pelo TILS durante a interpretação/tradução musical possibilitará leituras sobre a atuação subjetiva deste profissional.

Método

Para a realização deste trabalho optou-se por seguir alguns passos relevantes:

- (a) Revisão da literatura sobre a conceituação de Desejo para a Psicanálise;
- (b) Reflexão sobre a relação do conceito de Desejo para psicanálise e suas implicações no entendimento do trabalho do TILS;
- (c) Análise das interpretações em Libras de músicas como emergências das possibilidades tradutórias.

Discussão

A premissa aqui apresentada é a de que o ILS não é um sujeito imparcial; ele não está ausente durante o trabalho de tradução. Sua história se atualiza no ato tradutório, suas experiências de vida interferem na construção de conceitos e preconceitos orientando a direção de seu trabalho. Como confirma Silva (2009) citando França (2003), “é praticamente impossível para o tradutor despir-se de toda a sua experiência passada e conhecimento acumulado ao fazer uma tradução”.(p. 247)

Russo (2009), afirma que o TILS quando realiza uma tradução/interpretação está também, colocando-se como interpretante, produzindo sentido durante a interpretação/tradução. Percebe-se que há uma forte relação entre o subjetivo e o coletivo. Não há como vivenciar uma tradução/interpretação, sem ser incorporado ao ato sentir e viver o momento interpretativo.

Dessa maneira podemos refletir que o ato de interpretação do ILS não se resume apenas a uma sinalização “pura”, mas é marcada – corporalmente – por sua história. Não é um trabalho de uma mente desencarnada, mas um trabalho que toca o corpo, que se realiza no corpo. Tomando por essa dimensão, é possível recuperar como que o trabalho do intérprete se configura numa relação parcial, orientada para um determinado fim que não o exclui enquanto sujeito, mas reconhece que seu trabalho é historicamente e ideologicamente marcado.

Outro ponto relevante é observamos a presença do sujeito no discurso produzido na tradução. “As omissões, acréscimos ou dissimetrias sintático-lexicais podem nos levar à presença mais ou menos implícita do enunciador-tradutor”. (GUEDES, 2008, p. 03), com isso, podemos perceber como que o “resultado” do texto alvo aponta para a presença e o trabalho maciço do intérprete de libras, marcando sua presença no discurso traduzido.

Pela psicanálise, sabe-se que o sujeito não é um “ente”, mas como dito, um efeito. Sujeito do inconsciente. Entendemos a partir de Freud e avançamos com os ensinamentos de Lacan que o sujeito é na verdade um dos nomes, uma versão, do desejo inconsciente. (CABAS, 2010).

Afinal, assumir o desejo inconsciente equivale a se reconhecer enquanto sujeito, ou seja, a partir da fórmula freudiana de “tornar consciente o inconsciente”³, o sujeito promove um encontro a “si mesmo” (*idem*).

A psicanálise, então derruba os muros da racionalidade, desnudando o que mais íntimo o sujeito pode ser, aquilo que o orienta por toda sua vida. Dessa forma, o “insuportável”, ou

³ FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: Volume XVIII: Além do Princípio do Prazer, Psicologia e Outros Trabalho (1920-2922). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

aquilo com o qual não queremos reconhecer vem à tona: o “ser o que não sabia que era” (*ibidem*).

Nesse sentido, no que se refere à uma busca de um trabalho tradutório fidedigno - que é uma marca também deste desejo de ser intérprete - podemos compreender que

A ilusão da perfeição consiste na impossibilidade da total tradução uma vez que aceitar a castração e admitir a falta é algo tão difícil ao ser humano. Erros, lapsos, omissões ou acréscimos efetuados por todo tradutor, nesse sentido, embora indesejados, seriam inevitáveis na medida em que a linguagem não existe sem a presença de um sujeito assujeitado ao seu desejo inconsciente, haja vista que as palavras muitas vezes nos desapontam, isto é, não expressam o que queremos; ou, inversamente, expressam demais, mais do que queremos (FROTA, 2000, p. 37-8). (GUEDES, 2008, p. 03)

Essa discussão é possível pois, como afirmado pela psicanálise, somos seres de linguagem e, portanto de desejo. Uma vez que abrimos mão de nossa condição natural, de satisfações, nos tornamos seres de falta, ou seja, de desejo. Podemos reconhecer o nosso desejo, pelas escolhas que fazemos e pelas escolhas que não fazemos.

Desejo em psicanálise não se trata de algo a ser realizado à *posteriori*, mas de uma falta que nunca se realiza. Ou seja, o sujeito se constitui apenas diante do encontro de sua falta primordial, ao se reconhecer como sujeito castrado. Ao longo de sua vida, se envereda em inúmeras tentativas, mesmo que frustradas, de buscar saciar este desejo. Dessa forma, o sujeito tido como “neurótico” deverá – em um processo de autoconhecimento – procurar alternativas de conviver com sua falta.

Assim, podemos refletir sobre o processo tradutório à partir dessa perspectiva. O tradutor é impelido na tarefa de repassar as informações de uma língua alvo para uma língua fonte. Isto demanda vários tipos de conhecimento, como os que já foram apontados anteriormente.

O conceito de música descrito por Haguiera- Cervellini (2003), sugere que música está presente na vida das pessoas assumindo poderes místicos, mágicos, de lazer, expressando sentimentos de tristeza, alegria, medo e etc. As publicações e postagens disponibilizadas nas redes sociais propiciaram a discussão reflexiva sobre a subjetividade no ato interpretativo musical. Por isso, optou-se por fazer uma pesquisa bibliográfica de forma a se definir os conceitos utilizados neste trabalho e como eles poderiam ser aplicados no entendimento das questões relacionadas com as práticas interpretativas dos TILS.

Ao traduzir/interpretar uma música o TILS vive de forma subjetiva este momento. E o sentimento é expresso no olhar, na sensibilidade. O olhar o outro aqui, ganha importância. Para Haroche, 2008,

As maneiras de olhar remetem a importantes questões sociais e políticas das sociedades democráticas individualistas, bem como a necessidade de atenção, consideração, respeito, reconhecimento e dignidade. Todas elas são maneiras de nomear e designar a necessidade de uma maior atenção às dimensões não visíveis da pessoa, que se acompanham de um direito de olhar visando à proteção da integridade mais íntima de cada um. (p.145)

Resultado

A reflexão sobre esse fenômeno, a partir da psicanálise, permite três possíveis categorizações: (a) o que é IDEALIZADO no momento das traduções, (b) o que é POSSÍVEL de se realizar e (c) o que é REAL no processo tradutório. Tais categorias podem ser correlacionadas com os conceitos lacanianos de imaginário, simbólico e real. Estes três conceitos estão na base da compreensão do arranjo inconsciente do sujeito. Tal arranjo diz respeito ao desejo que está presente nas escolhas e ações subjetivadas. A música transmite sensações, emoções, subjetivas a cada ser humano. Portanto, tais sentimentos são vividos no ato interpretativo pelo TILS que, ouve, sente e posteriormente interpreta/traduz para a pessoa surda.

Assim, a discussão proposta transcorreu para uma reflexão acerca da subjetividade inerente às escolhas que o TILS demonstra durante o ato interpretativo musical. Buscou-se responder algumas questões tais como: é possível interpretar buscando a neutralidade e imparcialidade profissional? É possível uma dicotomia na interpretação musical de sentimentos? A tradução/interpretação deve buscar justamente o sentimento, o desejo, as emoções apresentadas na letra e melodia musical? Quais devem ser parâmetros principais que o TILS deve ter como base para uma boa interpretação/tradução musical?

Refletir sobre os múltiplos papéis desempenhados pelos TILS leva à perceber a vasta complexidade e as dimensões de sua atuação. A necessidade de imersão no mundo surdo e na sua cultura contribuirá para uma compreensão do outro, surdo. Construindo permanentemente o sentido cultural/subjetivo no ato de interpretação/tradução.

Dessa forma, o profissional TILS poderá se reconhecer como um parceiro nessa relação e não como alguém que irá impor seu desejo sobre o outro. A motivação de que “algo falta” na tradução realizadas é uma realidade que sempre irá acompanhar o TILS. Dessa forma, faz-se necessário reconhecer que nessa tarefa há um real que escapa, um ideal que não se alcança e uma construção simbólica que é possível de ser feita.

Referências Bibliográficas

CABAS, Antonio Godino. *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos de tradução, lingüística e psicanálise*. Campinas e São Paulo: Pontes/FAPESP, 2000.

FROTA, Maria Paula. *A Interpretação Na Análise De Discurso E Nos Estudos Da Tradução*. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Maria_paula.pdf> Acesso em: 29 jul 2010.

GUEDES, Mayra Barbosa. A subjetividade do tradutor à luz da Análise do Discurso francesa e da psicanálise. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de julho de 2008, USP – São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/065/MAYRA_GUEDES.pdf> Acesso em: 29 jul 2010

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. *A musicalidade do surdo, representação e estigma*. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

HAROCHE, Claudine. *A condição sensível*. Tradução por Jacy Alves Seixas, Vera avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: contra capa, 2008.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador das funções do eu (1949). In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem (1966 [1953]). In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MASUTTI, M.L. Santos A.S. intérpretes de língua de sinais: uma política em construção. Estudos Surdos III/Ronice Muller de Quadros (org.). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

Miller, J. -A. (1987). *Percurso de Lacan: Uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
OUSTINOFF, Michael, 1956 – Tradução: história, teorias e métodos/Michael Oustinoff; tradução: Marcus Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PERLIN, Gladis. *A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS)*. 2006.

PIRES, Maria Cristina, dissertação de mestrado “Testes de Proficiência Linguística em Língua de Sinais: as possibilidades para os intérpretes de libras”. São Leopoldo, RS - 2008.

RUSSO, Angela. *Interprete de Língua de Sinais: uma posição discursiva em construção*. Dissertação de mestrado apresentada no programa de pós-graduação da UFRGS. Porto Alegre 2009.

SUTTON-SPENCE, R., QUADROS, M.R. *poesia em língua de sinais: traços da identidade surda*. Estudos Surdos I/ Ronice Muller de Quadros (org.). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Análise de Discurso: princípios e fundamentos*. 3.ed., Campinas, SP: Pontes, 2001.